

FRAUDE ELEITORAL COM ANÚNCIO | POR RÜDIGER RAULS

Posted on 13. Oktober 2020

No dia 6 de Dezembro deste ano será eleito um novo parlamento na Venezuela. O resultado desta eleição já foi determinado para o valor ocidental.

Um ponto de vista de Rüdiger Rauls.

Pensamento e realidade desejosa

A tentativa de Juan Guaidó de instigar uma revolução cromática na Venezuela com apoio ocidental tinha falhado em 2019. As suas grandes palavras e anúncios foram seguidos de uma derrota atrás da outra. Falhou devido a um pensamento determinado pelos ideais ocidentais e à incapacidade de avaliar realisticamente as relações de poder social e político na própria Venezuela.

Não foi devido ao apoio dos valores ocidentais que ele não teve êxito. Eles teriam gostado de ter feito ainda mais pelo Guaidó, se ele próprio tivesse sido capaz de criar as condições para uma revolução na Venezuela. O quanto o seu pensamento era insensato, foi mais claramente demonstrado pelas suas tentativas de persuadir os militares a lançar um golpe contra Maduro(1).

As avaliações do Guaidó sobre a situação foram eufemísticas e teoricamente orientadas, o seu planeamento foi desastroso. Os seus sucessos iniciais na mobilização das massas em Caracas criaram um quadro enganador de força. Ele próprio caiu vítima desta ilusão, tal como os seus apoiantes ocidentais. Ambos acreditavam que, seguindo o padrão das revoluções de cor que tinham ocorrido até esse momento, bastava colocar algumas dezenas de milhares nas ruas para derrubar um sistema.

Mas a vontade dos seus apoiantes largamente ricos de fazer sacrifícios não era tão grande que quisessem trocar a revolta popular armada pelos seus próprios privilégios. Uma vez mais, tornou-se claro que o pensamento aéreo e as fantasias de onipotência intelectual de um licenciado universitário são algo diferente do peso da realidade.

Isto ficou muito claro na ponte fronteiriça para a Colômbia, onde Guaidó tinha ordenado às massas que o tinham aplaudido em Caracas. Deviam trazer recipientes de ajuda dos EUA para o país para apoiar o povo pobre da Venezuela, um cavalo de Tróia dos valores ocidentais, que tinha trazido a Venezuela para esta

situação, em primeiro lugar, através das suas sanções. Este deveria ser o prelúdio para a queda de Maduro. Mas as massas não vieram. Eles preferiram ficar em Caracas em vez de arriscarem as suas vidas.

Quando não conseguiu mobilizar a população, Guaidó acreditava seriamente que os militares iriam agora socorrê-lo no seu desespero. Mesmo que partes do exército teriam certamente sido persuadidas a derrubá-lo noutras circunstâncias, foram suficientemente realistas para reconhecer que o Guaidó era um deslumbrador. Os militares não podem dar-se ao luxo de desejar. Eles julgam a situação de acordo com o equilíbrio de poder e as circunstâncias reais. Os militares não seguiram os seus apelos a um golpe de Estado.

Tretmine Guaidó

O motorista de autocarro Maduro, com o qual os meios de comunicação social do valor do Ocidente quiseram questionar a competência do chefe de governo venezuelano, conquistou o graduado universitário Guaidó. No tempo que se seguiu, afundou-se cada vez mais na insignificância. Especialmente na Europa, as pessoas tinham percebido que tinham apostado num cavalo coxo. Mas então, por necessidade, tiveram de perceber que o verdadeiro poder na Venezuela estava com Maduro. (2)

Para os EUA, um retiro de Maduro estava fora de questão. Assim, em Janeiro de 2020, o Secretário de Estado norte-americano Mike Pompeo declarou numa reunião com o seu homólogo britânico Dominic Raab em Bogotá, Colômbia: "Os Estados Unidos continuariam a trabalhar para empurrar Maduro para fora do cargo"(3).

A Venezuela tem um significado diferente para os EUA do que para os europeus. Está à sua própria porta e numa região do mundo que sempre foi vista como o seu próprio quintal, onde Washington determina a ordem. Os EUA mantiveram o Guaidó, sobretudo devido à falta de alternativas ao seu aluno modelo acarinhado.

Mas o guaidó está a tornar-se cada vez mais um fardo. Em Maio de 2020, o seu envolvimento numa tentativa de golpe atamancado por várias centenas de mercenários contratados, apoiados por Washington, tornou-se evidente. Embora Washington tenha negado o seu próprio envolvimento, tal como o próprio

Guaidó, "os vestígios podem ser rastreados até ao apartamento do conselheiro do Guaidó na Florida"(4).

Os EUA viram-se forçados a distanciar-se publicamente dos conspiradores e do Guaidó. A oposição na Venezuela "pela sua parte, a acção de comando provocou uma falta de explicação"(5). A sua reputação e os guaidós devem certamente ter sofrido se se aliaram às forças estrangeiras que, através das suas sanções e da sua guerra económica, são em grande parte responsáveis pelo sofrimento na Venezuela.

Mas também aumentou as tensões no seio da oposição, o que diminui ainda mais as suas perspectivas de sucesso político. Talvez esta seja a razão pela qual o Guaidó continua em liberdade, apesar de todas as suas violações da lei, traição e tentativa de derrube. "O risco político da prisão de Guaidó tornou-se assim menor para Maduro"(6). Mas o simples motorista de autocarro Maduro revela-se o estratega mais sábio. Porque ninguém prejudica mais a oposição no país do que o próprio Guaidó.

Perda de importância

Posteriormente, os europeus em particular tentaram manter o Guaidó à distância a fim de iniciar um diálogo entre Maduro e a oposição venezuelana. Aparentemente, foi reconhecido que o antigo herói dos valores do Ocidente é incapaz de provocar mudanças na Venezuela. "Guaidó não foi capaz de cumprir nenhuma das suas promessas, todas as esperanças foram frustradas. O Guaidó não tem o poder de mudar a Venezuela"(7).

A rapidez com que a sua estrela na própria Venezuela se tinha desvanecido foi demonstrada pela disputa sobre a presidência na Assembleia Nacional em Janeiro de 2020, que tinha sido declarada pelos valores ocidentais como sendo "mais um campo de batalha de luta pelo poder entre o regime de Maduro e a oposição"(8). "A esperança da oposição de que a rusga à última instituição democrática mobilizasse novamente a população não tinha sido concretizada. A chamada do Guaidó foi seguida por apenas algumas centenas de venezuelanos no fim-de-semana"(9).

Para além da sua perda pessoal de importância na própria Venezuela, no contexto internacional não foi capaz de subordinar os seus interesses pessoais aos políticos. Torpedeou assim os planos europeus para

"prosseguir o diálogo entre o governo e a oposição iniciado no ano passado ". ...] O Guaidó não quer saber nada sobre o assunto neste momento"(10).

O quanto o messias dos valores do Ocidente, que queria trazer liberdade à Venezuela, perdeu de vista a realidade pela disputa sobre o ouro venezuelano armazenado no Banco de Inglaterra. O povo da Venezuela sofre com a epidemia de Corona, para além das sanções ocidentais. "As drogas normalmente só podem ser compradas no mercado negro de preço exagerado" (11).

"Para financiar medidas de emergência contra a epidemia e para comprar medicamentos e alimentos"(12), o Banco Central da Venezuela quis vender o seu próprio ouro no valor de 1 bilhão de dólares. O Supremo Tribunal Britânico recusou-se a entregar o ouro. Para ele, Guaidó é o presidente reconhecido da Venezuela, não Maduro.

Enquanto o povo da Venezuela é transportado, o embaixador de Guaidó em Londres descreveu-o como uma "vitória para o povo venezuelano"(13) que se vê privado dos recursos financeiros urgentemente necessários. "Mais do que nunca a Venezuela está dependente das suas reservas de ouro"(14). O Ocidente dos valores sabe disso e Guaidó, a cuja instigação foi recusado o pagamento, também sabe disso. Portanto, estes são os valores do valor ocidental, com os quais ele vende em todo o mundo.

Este julgamento de Londres "poderia dar-lhe novo oxigénio, suspeitam os observadores, também em relação a possíveis negociações entre a oposição e Maduro a posição do Guaidó em relação a Maduro mas também dentro da oposição está enfraquecida"(15).

O facto de ele recusar ao povo da Venezuela a ajuda necessária para a sua própria vantagem política e os interesses dos EUA e do Ocidente em termos de valores não passará certamente despercebido e não ficará sem consequências para a sua reputação e popularidade no país. Levanta-se a questão de como ele e a oposição tencionam ganhar as eleições de Dezembro nestas condições.

Unidade aparente

Apesar dos sinais em contrário, os líderes de opinião no Ocidente estão a tentar criar a impressão de que a

oposição está unida. Esta unidade deve ser expressa numa recusa de participação nas eleições. Participar neles "equivaleria a legitimar o regime, grandes secções da oposição estão unidas"(16) e, ao mesmo tempo, afirma-se que Maduro "perdeu praticamente todo o apoio popular"(17).

Isto era também o que os consumidores dos media no Ocidente já tinham sido levados a acreditar no início de 2019, quando Guaidó, o conquistador de Maduros, foi baptizado e colocado no escudo. Naquela época, as pessoas estavam demasiado felizes para ficarem cegas pelo seu próprio pensamento desejoso e não queriam ver a situação real. Obviamente, não se aprendeu nada nas torres de tomada de decisão do sistema de valores. Pois então, como agora, as pessoas acreditam no que querem acreditar e ignoram o que não se enquadra neste quadro.

Pois apesar de todas as sanções, tentativas de golpe e tentativas de invasões mercenárias, o povo não se afastou de Maduro e virou-se para o Guaidó, como na realidade deveria ser de acordo com as teorias das ciências sociais, os desejos dos formadores de opinião e as profecias dos políticos e dos chamados especialistas do Ocidente.(18)

Mesmo que o valor ocidental esteja a privar a Venezuela do seu ouro, a população está a ficar cada vez mais empobrecida, a produção de petróleo caiu para o nível dos anos 30, o que, segundo os líderes de opinião, deveria inevitavelmente levar ao fim do regime, a realidade é diferente. Mas os chamados especialistas no valor do Ocidente não compreendem esta realidade.

Esta realidade são os colectivos, comparáveis aos comités de vizinhança na China. São os pilares e protectores da ordem social, não os parlamentos e outras torres de marfim em que os líderes de opinião ocidentais acreditam que a política é feita. Eles asseguram o povo na base da sociedade e asseguram a coesão que as sociedades rasgadas do valor ocidental só podem entender como a expressão de um regime autoritário. O facto de haver uma consciência política por detrás disto, estranha ao seu próprio pensamento, não lhes ocorre.

Enquanto em Julho o Frankfurter Allgemeine Zeitung tentava retratar a oposição na Venezuela como fechada, em Setembro já estava a mostrar um quadro diferente. "A oposição está dividida. O Guaidó quer

boicotar as eleições. (...) Em contraste, Capriles pretende negociar e concorrer a melhores condições para a eleição"(19). Ele dissocia-se publicamente do Guaidó: "Ou se é o governo ou a oposição, nenhum dos dois é possível". (...) Capriles disse o que muitos na Venezuela têm vindo a pensar há algum tempo"(20).

O Guaidó parece ter perdido o seu brilho - pelo menos na Venezuela. "Durante muito tempo, Guaidó tinha conseguido manter a impressão de unidade e apresentar-se como um líder. Mas o seu carisma (...) desvaneceu-se nos últimos meses - e com ele a sua autoridade"(21).

Eleições justas não desejadas

Mas apesar de tudo isto, os EUA ainda parecem estar por detrás do Guaidó. Ele é o homem dos seus planos, eles não têm mais ninguém. No entanto, também eles parecem ter dúvidas quanto ao seu sucesso eleitoral, pois estão a fazer os preparativos adequados para o caso de derrota. Mesmo agora, os líderes de opinião no Ocidente já estão a espalhar dúvidas sobre a legitimidade das eleições, que ainda não se realizaram.

Para eles já é claro: "Nada indica que esta eleição possa ser livre e justa - o oposto é provável que aconteça"(22). Mesmo "o perdão imediato de mais de uma centena de acusados, condenados e presos opositores ao regime"(23) não altera a propaganda dos meios de comunicação ocidentais. Embora a prisão dos opositores do regime fosse anteriormente um sinal da brutalidade do regime, a sua libertação é agora um sinal da sua insidiosidade. Maduro quer dividir a oposição, de acordo com a nova visão difundida.

Mas mesmo este comunicado, anteriormente exigido pelos meios de comunicação ocidentais, "não é garantia de uma eleição justa". (...) requer mais, por exemplo, uma missão de observação internacional em grande escala"(24). No início de Setembro, contudo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros venezuelano Jorge Arreaza deu ao Representante dos Negócios Estrangeiros da UE Josep Borell e ao Secretário-Geral da ONU Antonio Guterres garantias abrangentes para a eleição e convidou tanto a ONU como a UE a "enviar observadores para a Venezuela"(25).

Assim, embora a Venezuela quisesse satisfazer precisamente estas exigências dos valores ocidentais para tornar verificável o resultado das eleições, Borrell rejeitou a oferta da Venezuela, que tinha sido exigida

apenas pouco tempo antes. Agora, de repente, Borrell é de opinião que "as condições para o envio de uma missão de observação não estão presentes"(26). Mas o que é que eles querem em Bruxelas? Será que querem a entronização do seu Guaidó preferido sem eleição prévia?

Levanta-se a questão se os opositores de Maduro estão sequer interessados nas eleições e na sua correcta conduta? Afinal, ter-se-ia de reconhecer o resultado mesmo que este não correspondesse aos valores do sistema. Mas isto também eliminaria os fundamentos para novas sanções, ou tornaria muito mais difícil explicar a sua continuação e justificar a miséria que causam ao povo venezuelano.

As eleições dos últimos anos nos vários estados e regiões do mundo tornaram cada vez mais claro que as eleições só são justas e reconhecidas aos olhos do Ocidente dos valores se produzirem resultados que sirvam os seus interesses. As eleições na Catalunha, Bolívia, Bielorrússia, Hong Kong e tantas outras não foram reconhecidas, enquanto que a fraude eleitoral no Afeganistão, Mali e outros foi tacitamente tolerada.

Pouco na mão

Isto significa que duvidar dos resultados eleitorais na Venezuela já deveria ser uma conclusão inevitável. Se as acusações de fraude eleitoral são verdadeiras ou não, presumivelmente não desempenharão mais um papel na Venezuela do que recentemente na Bielorrússia, embora a fraude eleitoral nunca tenha sido provada. Também na Venezuela, é já de temer que a verdade caia por terra se não servir aos governantes em Washington e Bruxelas.

Mas mesmo assim, o Ocidente dos valores provavelmente não se aproximará mais do seu objectivo de derrubar Maduro. Mesmo o constante virar do parafuso de sanção não fez com que Maduro se ajoelhasse nem fez com que o povo se revoltasse contra ele. A oposição no país tornou-se mais dividida, especialmente devido ao aspecto desajeitado e encorpado da antiga superestrela Guaidó, e como resultado, tornou-se cada vez mais defensiva. Neste momento, não há ninguém que possa pôr seriamente em perigo Maduro.

Para Washington, as possibilidades de alcançar o seu objectivo de mudança de regime na Venezuela são cada vez menores. Além disso, os EUA foram consideravelmente enfraquecidos pelos seus próprios

conflitos sociais internos e pela paralisia da própria economia, e as suas possibilidades de acção são limitadas. A Corona tem a economia num estrangulamento e as eleições em casa estão a alargar a fenda na sociedade americana.

Embora o Secretário de Estado norte-americano Mike Pompeo tenha visitado principalmente os estados vizinhos da Venezuela, Colômbia, Brasil, Guiana e Suriname durante a sua viagem à América do Sul no final de Setembro, a fim de suscitar sentimentos contra Maduro, é pouco provável que estes estados sejam persuadidos a travar uma guerra pelos interesses dos EUA. Isto já tinha falhado em 2019. Neste momento, estão ocupados com problemas completamente diferentes devido à Corona e ao consequente declínio económico.

O quão impotentes e impotentes os EUA parecem estar face a esta situação é tornado claro pela escolha dos meios. O destacamento planeado de mercenários foi um enorme desastre e também prejudicou a reputação militar dos EUA. Agora estão a recorrer à habitual propaganda contra o regime de Maduro, acusando-o de desrespeitar os direitos humanos, o que não é novidade e não deve conduzir a uma grande mobilização internacional.

Perspectivas

O que resta são as formas modernas de desestabilização através da instrumentalização da geração do Facebook. As campanhas, iniciadas por forças políticas cujos antecedentes e financiamento são muitas vezes opacos, estão a conduzir cada vez mais pessoas jovens, intelectuais e predominantemente conduzidas moralmente para as ruas em busca de ideais que parecem corresponder aos do valor do Ocidente.

Desta forma, envolvem-se com forças que até seguem estes valores nas suas próprias esferas de governo apenas enquanto servirem os seus próprios interesses. Este conceito também poderia ser aplicado no caso da Venezuela. As fundações propagandísticas foram lançadas. Pois já estão a ser semeadas dúvidas sobre a legitimidade dos resultados eleitorais.

A única coisa que falta é a implementação através dos chamados meios de comunicação social. De momento, não há indicações de tais planos. Mas o caso da Bielorrússia demonstrou a rapidez com que um tal conceito pode ser implementado quando os preparativos já foram feitos e existe um potencial correspondente de pessoas que podem ser mobilizadas. Mas outros desenvolvimentos mostrarão isso.

A Venezuela continua a sofrer as sanções e a guerra económica que o Ocidente dos valores está a travar contra o país, mas não parece ter sido abalada por eles. A miséria da população não importa para os idealistas do Ocidente quando se trata de coisas mais elevadas. A antiga Secretária de Estado norte-americana Madeleine Albright, por exemplo, era de opinião que a morte de 500.000 crianças iraquianas como resultado das sanções ocidentais valia o preço. Afinal, eles não eram seus próprios filhos.

Cada vez mais, porém, outros países sancionados vêm em auxílio da Venezuela, tal como a Rússia e a China(27). Todos eles têm interesses económicos. Isso não deve ser condenado, porque a própria Venezuela os tem, para não falar do Ocidente dos valores, embora se entregue tão frequentemente de forma abnegada e esteja sempre empenhada apenas nos ideais e valores ocidentais.

Mas os necessitados na Venezuela, na Síria e em todos os outros países do mundo que sofrem as sanções ocidentais sabem o que pensar destes ideais e valores. Esta é a razão pela qual os EUA e o Ocidente estão a perder cada vez mais influência, enquanto a da Rússia e da China está a crescer a nível mundial.

Sem sucesso contabilístico, mas com todas as dívidas mais contabilizáveis, os Estados ocidentais devem retirar-se do Afeganistão. O Médio Oriente e o centro de África estão cada vez mais a fugir do seu controlo. E no centro da Ásia eles não têm nada a dizer há muito tempo. Aí, o trabalho da China e da Rússia no desenvolvimento ao longo da Rota da Seda está a mostrar um sucesso inconfundível.

Fontes:

(1) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Humanitärer Angriff auf Venezuela](#)

(2) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Guaidó und die Verfassung](#)

(3) Frankfurter Allgemeine Zeitung vom 22.2.2020: Guaidó setzt auf Davos

- (4) FAZ vom 13.5.2020: Das Himmelfahrtskommando
- (5) ebenda
- (6) ebenda
- (7) FAZ vom 14.1.2020: Mut gegen Macht
- (8) ebenda
- (9) ebenda
- (10) ebenda
- (11) FAZ vom 4.7.2020: Venezuelas letztes Hemd
- (12) ebenda
- (13) ebenda
- (14) ebenda
- (15) ebenda
- (16) FAZ vom 16.7.2020: Der letzte Boykott
- (17) ebenda
- (18) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Entscheidend ist das Volk](#)
- (19) FAZ vom 3.9.2020: Maduro und die Bioterroristen
- (20) FAZ vom 7.9.2020: Boykottieren oder mitmachen?
- (21) ebenda
- (22) ebenda
- (23) FAZ vom 3.9.2020: Maduro und die Bioterroristen

(24) FAZ vom 7.9.2020: Boykottieren oder mitmachen?

(25) ebenda

(26) ebenda

(27) siehe dazu Rüdiger Rauls: [Die Sanktionierten schlagen zurück](#)

Rüdiger Rauls Buchveröffentlichungen:

- Krieg um Syrien [Buchbeschreibung](#)
- Wie funktioniert Geld? [Buchbeschreibung](#)
- Kolonie Konzern Krieg – Stationen kapitalistischer Entwicklung [Buchbeschreibung](#)
- Zukunft Sozialismus oder die Grenzen des Kapitalismus [Buchbeschreibung](#)
- Die Entwicklung der frühen Gesellschaften-Die Geschichte Afghanistans [Buchbeschreibung](#)
- Was braucht mein Kind? [Buchbeschreibung](#)
- Späte Wahrheit (Prosa) [Buchbeschreibung](#)
- Herausgeber von:
- Imre Szabo: Die Hintermänner (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)
- Imre Szabo: Die Unsichtbaren (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Yaikel Dorta / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK